

## A IMAGEM DO “FLAGELADO” NA LITERATURA DA TERRA DA LUZ (1879-1903)<sup>1</sup>

André Gustavo Barbosa da Paz Mendes

Pensar o Nordeste é, em grande medida, visualizar uma região castigada pela seca, pobre e com uma população sofrida. Uma série de imagens se impõe de uma forma muito natural em nossa mente sem questionarmos a emergência dessas informações. É nesse sentido que iniciamos esse trabalho, discutindo um lugar, o Ceará, e uma fala, a literatura, como discursos criadores da figura do “flagelado”.

Poucos sabem que essa imagem da região, do homem e da mulher do Nordeste foi construída entre a transição do final do século XIX e a década de vinte do século XX, pois até esse momento o Brasil possuía apenas duas regiões: a Norte e a Sul. Essa invenção – num sentido de construção social e histórica – da imagem da região, do homem e da mulher do Norte se deu a partir da construção do “discurso da seca”<sup>2</sup>, que possibilitou toda uma rede de articulações políticas, econômicas e sociais, muitas vezes clientelísticas, ao seu redor, culminando, em parte, na formação da futura identidade *nordestina*.<sup>3</sup>

A partir dessa idéia da construção de uma imagem da região e de seus habitantes é que delimitamos o objetivo do presente trabalho: analisar a construção da imagem do “flagelado” feita pela literatura nortista durante a transição do século XIX para o século XX, mais especificamente no período de 1879 a 1903.

Nesse estudo fizemos a opção de privilegiar, como fonte básica, a literatura porque entendemos o texto literário relevante na medida em que, “como aponta Febvre, a literatura se configuraria neste caso como fonte para o registro das sensibilidades passadas e também como forma pela qual se difunde e socializa a sensibilidade de uma época junto ao seu público”.<sup>4</sup>

Selecionamos, como fontes, obras literárias do final do século XIX e início do século XX do então Norte do Brasil. Assim, estão elencadas, em ordem de publicação, os seguintes romances estudados: *Os Retirantes* (1879), do fluminense José do Patrocínio; *A Fome* (1890), do baiano Rodolpho Teófilo; e por último, *Luzia-Homem* (1903), do cearense Domingos Olímpio.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Simpósio Temático “Usos da Literatura pela História: Fontes, Fatos e Narrativas”, durante o XII Encontro Estadual de História da ANPUH-PB, realizado no Campus da Universidade Federal de Campina Grande, em Cajazeiras (PB), entre 23 e 28 de julho de 2006.

<sup>2</sup> ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. Palavras que calcinam, palavras que dominam: a invenção da seca do Nordeste. *Revista Brasileira de História*, v. 14, n. 28, p. 111-120, 1994.

<sup>3</sup> Ver Id. *A invenção do Nordeste e outras artes*, Recife: FJN/ Ed. Massangana. São Paulo: Cortez, 1999.

<sup>4</sup> PESAVENTO, Sandra Jatáhy. Com os Olhos de Clio ou a Literatura sob o Olhar da História a partir do conto O Alienista, de Machado de Assis. *Revista Brasileira de História*, v. 16, n. 31-32, p. 109, 1996.

As obras analisadas possuem, entre si, uma unicidade temática. Uma vez que todas tratam da antiga vida sertaneja, retratam o homem, a mulher e a criança do Norte, tendo como pano de fundo a seca e seus efeitos, os seres e as paisagens. É importante ressaltar a espacialidade desses romances, apesar dessas obras se referirem sempre a “Terra da Luz”, ou seja, ao Ceará, isso não significa que elas representem apenas essa província, posteriormente Estado. Dá-se justamente o oposto a isso, essa literatura cearense toma a palavra pela área do Norte como um todo, tornando-se porta-voz das outras províncias/Estados. Ela criou e repassou uma série de símbolos e signos sobre o então Norte para as demais áreas do Brasil. Nesse sentido, o que se descrevia a partir da realidade cearense durante os momentos de estiagem é também o que se visualizava nas províncias/Estados do Piauí, Paraíba, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Alagoas e Sergipe durante as épocas de seca.

Isso pode ser verificado por meio da análise de outras fontes produzidas nos períodos de estiagem a partir de 1877-79, como as falas e relatórios de presidentes de província e de Estado, jornais locais, discursos parlamentares, poesias, literatura de cordel, entre outros. No decorrer desse estudo analisaremos algumas dessas fontes, apesar de nossa atenção estar voltada para aquelas obras literárias já anunciadas.

Entendemos que a obra literária é importante para o historiador pela sua capacidade de construção e representação dos eventos, ou seja, dos acontecimentos e seus detalhes. Em relação a essas obras selecionadas, isso é bastante nítido, pois elas fazem parte de uma tendência literária que procurava descrever com realismo os aspectos naturais, sociais e até psicológicos dos habitantes da então região Norte. Assim, “[...] a obra literária não é um mero dado ou documento, ela se constitui num ‘algo a mais’, inestimável para o historiador e que lhe fornecerá subsídios que ele não encontrará facilmente em outras fontes”.<sup>5</sup>

Além disso, a literatura é um texto e remete-nos a noção de que todo texto é uma construção historicizada e que se expressa por um conjunto de signos que comportam significados e coerências dentro do universo mental de uma época. Assim, não se trata de buscar um “sentido oculto” nos textos, que só “iniciados” poderão revelar, mas de entender que eles possuem uma coerência de sentido, construída pelo autor na sua época e que seria compreendida pelo leitor do passado, que, por sua vez, lhe poderia atribuir outros significados.<sup>6</sup>

O recorte cronológico de 1879-1903 foi selecionado porque verificamos que foi nesse momento histórico que emergiu a figura do “flagelado” como um “problema” da região. Além disso, a periodização também incorpora os anos de publicação das obras literárias norteadoras do trabalho: *Os Retirantes* (1879), *A Fome* (1890) e *Luzia-Homem* (1903).

---

<sup>5</sup> PESAVENTO, Sandra Jatthy. Com os Olhos de Clio ou a Literatura sob o Olhar da História a partir do conto O Alienista, de Machado de Assis. *Revista Brasileira de História*, v. 16, n. 31-32, p. 109, 1996.

<sup>6</sup> *Ibid.*, p. 110.

José do Patrocínio (José Carlos do Patrocínio), autor de *Os Retirantes*, foi jornalista, orador, poeta e romancista, nasceu em Campos (RJ), em 8 de outubro de 1854. Após intensa vida jornalística e abolicionista em diferentes localidades, faleceu no Rio de Janeiro em 30 de janeiro de 1905. Rodolfo Teófilo (Rodolfo Marcos Teófilo), autor de *A Fome*, nasceu na Bahia, em Salvador, em 6 de maio de 1853. Foi jornalista, abolicionista, poeta e romancista. Defensor de ideais sanitaristas, empenhou-se, a partir de 1900, até o final da vida, na campanha pela vacinação contra a varíola, morrendo em 2 de julho de 1932.<sup>7</sup> E, Domingos Olímpio (Domingos Olímpio Braga Cavalcanti), autor de *Luzia-Homem*, nasceu em Sobral (CE) em 18 de setembro de 1850. Após intensa vida jornalística, abolicionista e política, assim como José do Patrocínio, mudou-se, em 1890 para o Rio de Janeiro (RJ) onde viveu até a sua morte em 6 de outubro de 1906.

Os autores das obras, já citadas, possuem evidentemente, visões muito próximas em relação a imagem do homem e da mulher do Norte que sofre as conseqüências da seca, ou seja, o “flagelado”. Contudo, procuraremos detectar nas suas obras não só os enunciados comuns e correlacionados às caracterizações construtoras de tal figura, mas também as possíveis diferenças, mudanças e/ou permanências desses enunciados.

Quanto à metodologia, faremos uso da análise de discurso, tendo em vista que é um método adequado para o historiador, pois tem o discurso como uma prática social, tão relevante quanto as outras formas de práticas. Segundo Foucault, tomar a palavra para dizer algo não é um ato simplório, mas sim repleto de responsabilidades, anseios, desejos, culpabilidades e conseqüências, podendo isso se dar de forma voluntária ou não.

Principalmente porque consideramos que as fontes (orais, escritas ou iconográficas etc) são discursos e, como diz Albuquerque Júnior, o historiador não faz outra coisa a não ser ler e interpretar discursos e produzir o discurso da história, pois, “os atores da história são efeitos das práticas discursivas e não discursivas que os integram na cultura e na instituição do social [...]”.<sup>8</sup> Em acordo com essas idéias é que nos interessamos pelos discursos como acontecimento, como lugar de ação, aqui considerados dentro de suas condições de produção e sentido historicamente constituídos.

### **Surge o problema: o “flagelado”**

É mister situar o discurso sobre o “flagelado” e a construção de sua imagem como parte constituinte de um discurso mais complexo, o chamado “discurso da seca”. Segundo Albuquerque Júnior, o “discurso da seca” surgiu da problematização do próprio fenômeno natural. A seca tornou-se “problema” apenas no final do século XIX, a partir da chamada

<sup>7</sup> TEÓFILO, Rodolfo. *A Fome*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002. p. 373. (Coleção clássicos cearenses).

<sup>8</sup> ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*, p. 15.

“grande seca” de 1877-79, que ocorreu no momento em que o espaço do “Norte” vivia uma grave crise econômica, política e social, gerada pelo declínio das exportações dos principais produtos da região, pela perda do espaço político de sua classe dominante em termos nacionais e pelo descontentamento das várias camadas sociais com a forma como estava se dando o processo de transição para uma economia de mercado capitalista.<sup>9</sup>

Na segunda metade do século XIX, por exemplo, as províncias do Norte encontravam-se em uma situação economicamente desfavorável, sofrendo a decadência da cotonicultura – a Guerra de Secessão nos Estados Unidos que propiciara o segundo grande surto exportador de algodão nas províncias do Norte, finalizando em 1865, “[...] possibilitou a esse país retornar à sua posição de grande produtor e fornecedor mundial de algodão, desalojando a cotonicultura brasileira [...] do lugar privilegiado que vinha ocupando no mercado internacional”<sup>10</sup> – e o declínio da pecuária, seguido do açúcar, foi amplamente agravado pela seca. Dentro dessa perspectiva de decadência econômica traçou-se uma divisão entre uma área em plena crise e uma outra em ascensão econômica, tratava-se do “Norte” da seca e do “Sul” do café.

O fenômeno da seca durante séculos foi apenas uma presença ameaçadora apenas no mundo dos homens pobres, jamais mereceu mais do que esparsas referências nos discursos dos potentados locais, quase sempre só no momento em que suas conseqüências mais graves se faziam sentir. A seca foi descoberta como o “problema da região” e transformada em “problema nacional” quando, devido à crise econômica em que estava mergulhada a classe dominante do Norte no final do século XIX, atingiu também esta classe, levando inclusive os de menor fortuna à falência. Quando chegou, ameaçadora, ao mundo dos ricos, dos oligarcas, a seca foi descoberta, e em torno dela passou-se a elaborar todo um discurso que a elevou a condição de “problema”, e a colocou como síntese de todas as crises enfrentadas pelo espaço nortista.<sup>11</sup>

Assim, a seca de 1877-79 coincidiu com problemas econômicos graves das províncias que formaram o futuro “Nordeste”. Acabou por gerar a mortandade do gado, a destruição da lavoura de subsistência, a desorganização do comércio etc. Por conseqüência, o esfacelamento do sistema dos “coronéis-pais-patrões” de dominação política, pois a figura do agregado, morador de condição, vaqueiro, e até mesmo escravo foi deixando de ter sentido.<sup>12</sup> Não havia mais em que trabalhar, nem de onde retirar a subsistência. Por essas questões, o poder das elites nortistas se perdia tanto no âmbito nacional quanto no regional.

---

<sup>9</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Falas de astúcia e de angústia: a seca no imaginário nordestino – de problema à solução (1877-1922)**. 1987. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1987. p. 408.

<sup>10</sup> MONTEIRO, Denise Mattos. **Introdução à história do Rio Grande do Norte**. 2. ed. rev. Natal (RN): Cooperativa Cultural, 2002. p. 191.

<sup>11</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Op. Cit.**, p.408.

<sup>12</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Palavras que calcinam, palavras que dominam: a invenção da seca do Nordeste. **Revista Brasileira de História**, v. 14, n. 28, p. 118, 1994.

Segundo Albuquerque Júnior,

A consciência desta crise, despertada pela progressiva desestruturação das relações econômicas e políticas tradicionais, pela intervenção crescente do Estado no espaço nortista, pelas revoltas das camadas populares, faz com que a elite agrária nortista ensaie e articule, notadamente a partir da década de setenta do século XIX, um discurso de cunho regionalista, que procura basicamente afirmar os valores culturais tradicionais, como forma de evitar, pelo menos no plano do discurso, a destruição desta, vista como particularidade.<sup>13</sup>

Assim, a medida que o “problema” foi sendo colocado, em torno dele começaram a surgir diferentes manifestações discursivas, partidas de diferentes grupos e instituições sociais da região, se somando àquele discurso popular ou tradicional já existente. Estas manifestações discursivas partiam da visão tradicional e elaboraram diferentes compreensões e imagens do fenômeno, que se inter cruzaram de forma a dar origem a um discurso outro, nascido de elementos destes outros discursos, o qual segundo Albuquerque Júnior, pode-se chamar de “discurso da seca”.<sup>14</sup>

Foi justamente nesse momento que emergiu a figura do “flagelado”, um elemento importante do “discurso da seca” devido a capacidade de sensibilizar, comover, pois trata-se de uma representação do homem e da mulher do Norte que sofre, no plano pessoal, as conseqüências da estiagem. O apelo dramático à trajetória de vida dessas figuras, a construção do seu corpo e a sua formação cultural são temas recorrentes nos discursos produzidos no Norte.

Entretanto, o surgimento da figura do “flagelado” não se deu apenas por uma questão de reforçar um outro discurso em processo de formação e solidificação. O “flagelado” era o indesejável, o problema real das zonas urbanas no momento de seca. O retirante que inchava as cidades litorâneas, principalmente as capitais, e desorganizava a vida social cotidiana, levando a miséria à porta das casas da sociedade citadina.

O problema foi se agravando à medida que esse retirante engendrava situações novas: transformava-se no pedinte permanente, no portador e transmissor de doenças e moléstias, no assaltante de víveres, no morador de rua, enfim, em um peso constante para uma sociedade e um governo que o quer distante. Não é à toa que a prática migratória, custeada pelo governo e “filantropos” da alta sociedade, para as regiões do extremo Norte do Brasil (Amazônia) era adotada. A promessa de trabalho digno e rentável na extração da borracha, um dos principais itens da pauta de exportação do Brasil no final do século XIX, incentivava à viagem, mesmo que penosa e perigosa, levas de retirantes que saíam da sua terra natal para a região desconhecida.

---

<sup>13</sup> Ide. **Falas de astúcia e de angústia**: a seca no imaginário nordestino – de problema à solução (1877-1922), p. 59-60.

<sup>14</sup> Ibid., p. 409.

Segundo Albuquerque Júnior, esta concentração de pessoas nas cidades levou ao que as elites chamavam de “desregramento dos costumes”, ou seja, o aumento da prostituição, dos furtos, dos crimes de morte, provocados pela situação de desespero a que eram lançados estes homens pobres que viviam no limite da subsistência e que, com a seca, atingiam a miséria absoluta. Eram formas desesperadas de buscar a sobrevivência, a superação da situação de vida em que se viram lançados.<sup>15</sup> Alguns dados podem demonstrar a situação da migração, por exemplo, segundo Neves, calcula-se que, em outubro de 1878, uma população adventícia com mais de 110 mil retirantes nas cidades de Mossoró, Aracati e, em especial Fortaleza, quando a sua população fixa era de aproximadamente 25 mil habitantes.<sup>16</sup>

No relatório com que o Desembargador do Estado do Ceará, Caetano Estellita Cavalcanti Pessoa, passou a administração da província a João José Ferreira D’Aguiar, em 1877, é possível também perceber a descrição da situação migratória:

As numerosas caravanas d’esses exilados da fome encaminharam-se as serras da Ibiapaba, Meruóca, Baturité, Aratanha, Palmeira, Maranguape e valles do Cariry, em cuja frescura e amenidade do clima procuravam abrigo aos tormentos da estação, ora para as margens do littoral, onde alguns recursos naturaes acenavam-lhes confiança, ora para as povoações mais próximas á esta Capital [Fortaleza], como sejam: Pacatuba, Maranguape e Mecejana, e, finalmente, para dentro d’esta cidade, arrimo último e apoio supremo da salvação, que vinham buscar.

’No momento em que me dirijo a V. Exc. a população adventícia ‘nesta Capital é assas numerosa, sendo calculada em mais de quarenta e tres mil pessoas, e todos os dias seu numero cresce, à medida que os retirantes, abandonando os seus princípios ponto de emigração, se desloca precipitadamente em fuga para a Capital [...].<sup>17</sup> (sic.)

Assim, o surgimento do discurso sobre o “flagelado” se deu a partir da descrição do que se presenciava no cotidiano, na mudança provocada com a chegada de milhares de retirantes às zonas urbanas, pois a rotina se transfigurou em algo até então inimaginável. A elite nortista que não sentira as conseqüências da seca, narra o que agora – durante a “grande seca” de 1877-79 – lhe atinge, lhe incomoda, descreve com detalhes, tenta demonstrar a sua insatisfação com a situação insalubre da pobreza e da doença. Além da repulsa ao que se via, ela tinha medo do que podia lhe acontecer por causa da situação caótica, a fobia dos assaltos, dos escândalos e até mesmo da possibilidade de vir a ser mais um dentre os “flagelados”.

Nesse sentido, a literatura é uma fonte importante para tal análise porque ao descrever o que se presenciava no dia-a-dia acabou por formar um discurso sobre o “flagelado” que, por sua vez, criou a sua imagem de múltiplas formas, desde o aspecto físico até as suas

<sup>15</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR., Durval Muniz de. Palavras que calcinam, palavras que dominam: a invenção da seca do Nordeste. *Revista Brasileira de História*, v. 14, n. 28, 1994, p. 114.

<sup>16</sup> NEVES, F.C. A “capital de um pavoroso reino”: Fortaleza e a seca de 1877. *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 29, p. 107. jul. 2000.

<sup>17</sup> RELATÓRIO de Presidente de Província do Ceará, 1877, p. 20.

características psicológicas. A formação dessa figura encontra no discurso literário um grande aliado, pois as próprias características literárias, da década de 1870 até a primeira década do século XX, ajudaram a compô-la de forma minuciosa e sistemática.

A literatura selecionada<sup>18</sup> para analisar a construção da imagem do “flagelado” faz parte do chamado romance regionalista e/ou sertanista que buscou compreender e valorizar as diferenças étnicas, lingüísticas, sociais e culturais de uma determinada região, no caso, o sertão do Norte.<sup>19</sup> Assim, para o romance regionalista, segundo alguns escritores do final do século XIX, o verdadeiro Brasil era o sertão, que ainda conservava intactos traços de nossa cultura e de nossa natureza. Procuraram, então fixar traços peculiares de determinadas regiões do país.<sup>20</sup>

A idéia da legitimidade dessa literatura representar o Brasil “real” está muito próxima da discussão sobre a identidade brasileira. O Brasil, nesse momento histórico, caracterizava-se por ser uma nação recém independente e era “preciso criar uma idéia de homem brasileiro, de povo brasileiro, no interior de um projeto de nação brasileira”<sup>21</sup>. A literatura, em grande medida, também participou desse projeto nacional, sendo a regionalista e/ou sertanista muito expressiva nesse aspecto, pois seus autores são vinculados, de uma forma ou de outra (opositores ou aliados), à monarquia que pretende concretizar àquele projeto nacional. Além disso, essa literatura regionalista se configura como fonte importante desse estudo por ter sido capaz de produzir um discurso sobre o homem e a mulher do Norte flagelado pela seca e difundi-lo – devido a ser naquele período um dos principais meios de comunicação, assim como os jornais –, principalmente, entre as elites nortistas e sulistas do Brasil. Tendo em vista que a situação educacional do Brasil durante o final século XIX era muito restrita as camadas sociais economicamente privilegiadas. Segundo Ribeiro, “este acanhado meio intelectual, esta elite intelectual brasileira era composta de elementos oriundos das camadas dominante e média”.<sup>22</sup>

Os autores da obras selecionadas vão, a partir dessa literatura regionalista, revelar enquanto *sujeitos do discurso*<sup>23</sup> seu lugar institucional, ou seja, revelarão de onde falam, porque e como tomam a palavra e com que autoridade a tomam. Pois, na perspectiva da

<sup>18</sup> Assim, estão elencadas, em ordem de publicação, os seguintes romances estudados: *Os Retirantes* (1879), do fluminense José do Patrocínio; *A Fome* (1890), do baiano Rodolpho Teófilo; e por último, *Luzia-Homem* (1903), do cearense Domingos Olímpio.

<sup>19</sup> CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Literatura Brasileira*. São Paulo: Atual, 1995. p. 167.

<sup>20</sup> FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto. *Literatura brasileira*. São Paulo: Ática, 1998. p. 135.

<sup>21</sup> REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil*: de Varnhagen a FHC. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1999. p. 31.

<sup>22</sup> RIBEIRO, Maria Luísa S. *História da educação brasileira*: a organização escolar. 4. ed. São Paulo: Ed. Moraes, 1982. p. 64. (Coleção Educação Universitária).

<sup>23</sup> O *sujeito do discurso* é uma noção necessária para precisar o estatuto, lugar de posição do *sujeito falante* (em lingüística se trata do ser humano que exerce a atividade da linguagem, ele possui a competência lingüística, ou seja produz o ato da linguagem, p.458) ou do *locutor* (a pessoa que fala, também produz um ato de linguagem, contudo, em uma situação de comunicação oral, este pode ser designado o próprio sujeito falante, p.310) com relação a sua atividade languageira. Ela leva a considerar as relações que o sujeito mantém com os dados da *situação de comunicação* na qual ele se encontra, os procedimentos de discursivização, assim como os saberes, opiniões e crenças que possui e que supõe serem compartilhados pelo seu interlocutor. Sua *competência* não é mais simplesmente lingüística, ela é ao mesmo tempo comunicacional, discursiva e lingüística. (CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004. p.457.).

análise de discurso tomar a palavra é um ato social com todas as suas implicações: conflitos, reconhecimentos, relações de poder, constituição de identidades, etc. Isso faz com que a linguagem não seja vista apenas como suporte de pensamento, nem somente como instrumento de comunicação.<sup>24</sup> Além disso, segundo Foucault, na ordem do discurso literário, a função do autor não cessou, desde o século XVII, de se reforçar, assim:

pede-se que o autor preste contas da unidade de texto posta sob seu nome; pede-se-lhe que revele, ou ao menos sustente, o sentido oculto que os atravessa; pede-se-lhe que os articule com sua vida pessoal e suas experiências vividas, com a história real que os viu nascer. O autor é aquele que dá à inquietante linguagem da ficção suas unidades, seus nós de coerência, sua inserção real.<sup>25</sup>

A proveniência familiar e educacional desses literatos, segundo Alfredo Bosi, constituem-se num momento de carência do binômio urbano indústria-operário. Durante quase todo o século XIX, a sociedade brasileira contou, para a formação da sua inteligência, com os filhos de famílias abastadas do campo, que iam receber instrução jurídica (raramente, médica) em São Paulo, Recife e Rio de Janeiro [assim como em Salvador], [...] ou com filhos de comerciantes luso-brasileiros e de profissionais liberais, que definem, *grosso modo*, a alta classe média do país [...]. Raros os casos de extração humilde na fase romântica.<sup>26</sup>

A geração 70 era composta de intelectuais que eram políticos e vice-versa, pois segundo Alonso, não havia um grupo social cuja atividade exclusiva fosse a produção intelectual. Percebemos isso muito bem no decorrer do estudo sobre a vida dos próprios autores das obras selecionadas para o nosso trabalho. Para a autora, essa divisão seria um anacronismo, pois a existência de uma única carreira pública centralizada no Estado, incluindo empregos no ensino a candidaturas ao parlamento, fazia da sobreposição de elites política e intelectual a regra antes que a exceção.<sup>27</sup>

Assim, a partição convencional da geração 70 em positivistas, liberais, darwinistas etc. é resultado do critério adotado. É o intérprete quem seleciona características intelectuais em detrimento das políticas. Empiricamente, os grupos tanto se identificam por recurso a termos doutrinários quanto a posições políticas. Nesse sentido, a autora complementa sua argumentação afirmando que tanto os autores de "obras filosóficas" desenvolveram atividade política contínua, quanto os "políticos" escreveram interpretações com base em recursos doutrinários. Para ela, não tomar esse fato em conta significa decepar parte do objeto: a atividade política dos "intelectuais" ou a atividade intelectual dos "políticos".<sup>28</sup>

<sup>24</sup> ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 1988. p.17. (Coleção passando a limpo).

<sup>25</sup> FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 10 ed. São Paulo: Ed. Loyola, 2004. p. 27-28.

<sup>26</sup> BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**, p. 92.

<sup>27</sup> ALONSO, Angela. Crítica e contestação: o movimento reformista da geração 1870. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. [online]. v.15, n. 44. p. 35-55, out. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v15n44/4146.pdf>>. Acesso em: 10 Out. 2005. p. 39.

<sup>28</sup> Ibid.



Além dessas características da intelectualidade brasileira da década de 1870, houve, especialmente em relação aos autores analisados, uma outra influência, sendo esta mais de ordem sistematizadora da produção literária da região Norte. Tratava-se de uma agremiação literária, nascida no Ceará, chamada de “Padaria Espiritual”. Sabe-se que Rodolfo Teófilo fez parte da “Padaria Espiritual”, enquanto José do Patrocínio e Domingos Olímpio, apesar de não terem participado efetivamente desse grupo, foram bastante influenciados por ele.

A “Padaria Espiritual”, segundo Tristão de Athayde<sup>29</sup>, foi um movimento de renascença literária proposta no Ceará no final do século XIX. Efêmero, mas que tinha por objetivo discutir leituras e produzir novas idéias, longe dos ideais burgueses do período. Assim, o movimento defendia e pregava, a partir do seu próprio estatuto de criação, uma produção literária de estilo simples em que se proibia a utilização de termos estrangeiros ou animais que não fossem nativos do Brasil.

Além disso, o movimento se caracterizava por ser anti-clerical, pois recriminava as ações da Igreja e libertário, porque tinha aversão às instituições com poder de repressão, como por exemplo, da polícia. Entretanto, a agremiação também ambicionava criar uma literatura genuinamente cearense, propunha a luta por uma ampliação do ensino à “infância desvalida”, através da promessa de trabalhar por tornar obrigatória a instrução pública primária, além dessas propostas, defendiam o *aformoseamento* e conservação da capital da “Terra da Luz”, Fortaleza.

A “Padaria Espiritual” possuía uma postura radical e nacionalista, características estas comuns aos movimentos de fins do século XIX que tinham por base os ideais positivistas. A agremiação foi importante, em termos literários, por conta da sua participação na consolidação do Realismo e no surgimento do Simbolismo no Ceará. Além disso, o movimento conseguiu outras conquistas, por exemplo, tinha como um dos principais objetivos a criação de um periódico que pudesse veicular a difusão dos ideais da agremiação. Sendo isso concretizado com o primeiro número do jornal “O Pão”, em 1892. A sua produção foi suspensa no sexto número, mas reapareceu em 1895, contudo teve pouco tempo de existência, pois a agremiação, como afirmava Antônio Sales, “morreu de caquexia pecuniária”.

O movimento da “Padaria Espiritual” foi, em grande medida, uma resposta ao menosprezo sofrido pelo discurso literário desde o século XIX. Segundo Albuquerque Júnior,

o discurso literário foi desde o século XIX rebaixado para um ponto inferior na hierarquia dos discursos, porque não havia nele lugar para a verdade. No momento em que o pensamento racionalista burguês consegue se impor em todas as áreas e o positivismo faz uma separação radical entre discurso da verdade ou discurso da ciência e discurso literário ou discurso da

---

<sup>29</sup> SALES, Antônio. **Aves de arribação**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1965. p. 19-22.

ficção, a literatura e outras manifestações artísticas são vistas como instâncias distintas e inferiores do saber.<sup>30</sup>

Assim, essas obras possuem um linguajar, positivista, tecnicista, determinista e darwinista (evolucionista), afim de galgar um aspecto discursivo empírico, capaz de descrever a tão almejada “verdade”. A partir de então, remanejando o discurso literário a um lugar superior na hierarquia discursiva, valorizando-o.

Essa literatura nortista passa por esse processo de desenvolvimento justamente no momento em que a seca está se tornando o problema sócio-econômico central da região Norte. Logo, a literatura encontrará aí o tema a ser privilegiado, sendo responsável em grande parte pela repercussão do fenômeno em termos nacionais, elevando também a figura do “flagelado”. Assim especifica Albuquerque Júnior:

A população do Sul entra em contato com a dura realidade humana e cotidiana do nortista no momento da seca, através das leituras destas obras. Elas têm grande repercussão, fazendo uma parte do país tomar consciência da existência da outra parte, com todas as suas misérias e calamidades. O esforço da classe dominante nortista no sentido de tornar a seca um ‘problema nacional’ encontra nesta literatura seu grande aliado.<sup>31</sup>

Essas obras regionalistas, em sua maioria, têm por objetivo denunciar a realidade nortista e o atraso em que a região se encontra em relação ao Sul do país. Elas buscam propor soluções para superar essa realidade da seca que “tudo destrói e abrasa” no Norte. Assim, apesar de possuírem as características do regionalismo e/ou sertanismo presentes na corrente Romântica, elas serão, em grande medida, o oposto dela, principalmente da representada por José de Alencar. Pois não idealizarão um homem e uma mulher perfeita, nem uma sociedade em que os costumes prevaletentes são sempre virtuosos, preocupar-se-ão sim com a descrição do cotidiano, apresentando os problemas rotineiros de uma sociedade imperfeita. Porém isso não quer dizer que essas obras não pudessem também construir uma realidade idealizada, imaginada, buscada para solucionar os problemas experimentados no dia-a-dia.

### **“O trágico préstito da seca”: a imagem de uma trajetória de vida**

As obras possuem como pano de fundo da trama a seca de 1877-79, refletindo em parte o porquê dessa seca ter sido transformada em especial, a chamada “grande seca de 1877-79”. Pois, a literatura juntamente com outras formas de comunicação pública, como os jornais e documentos oficiais, criaram a “seca-problema” nesse momento.

<sup>30</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Falas de astúcia e de angústia**: a seca no imaginário nordestino – de problema à solução (1877-1922), p. 218.

<sup>31</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Falas de astúcia e de angústia**: a seca no imaginário nordestino – de problema à solução (1877-1922), p. 221.

Além disso, o “discurso da seca” possuiu elementos importantes para sua legitimação como problema regional e, posteriormente, nacional. Um desses elementos foi de fundamental importância para sensibilizar a opinião pública a favor do apoio e ajuda ao Norte, lugar ressequido e destruído pela seca: tratou-se da figura intitulada de “flagelado”. Este é o homem e a mulher do Norte que experimenta no plano pessoal as conseqüências da estiagem. Entendendo assim o “flagelado”, o trataremos de agora em diante nesse sentido.

A construção discursiva da imagem do “flagelado” e de sua trajetória de vida foi composta por vários temas e encontramos, entre eles, uma unicidade na medida em que os discursos, ao descrever as conseqüências da seca, engendram um percurso de vida: o homem e a mulher do Norte que se tornaram a personificação do sofrimento, da miséria, se alastrando, se arrastando para outras áreas, uma vez que o “flagelado”, se move em retirada da sua terra natal e se “aloja” em outros lugares. Ou seja, o grande tema privilegiado em toda a literatura nortista sobre a seca: a retirada.

Assim, dividimos a análise sobre a construção da imagem da trajetória de vida do “flagelado” em quatro grandes eixos temáticos. Primeiramente os temas relacionados as mudanças que desestruturam o cotidiano, a normalidade, por conta da seca. Em um segundo momento, a análise dos temas ligados à retirada, ao êxodo. Após isso, os temas referentes a chegada aos centros urbanos e, por último, temas relacionados a saída última do “flagelado”, a migração final para o Sul ou para o Extremo Norte do país. Esses quatro eixos temáticos são partes constitutivas daquele grande tema exposto anteriormente, a retirada.

Em princípio, as obras constroem temas ligados a formação de cenários e paisagens lúgubres, inóspitas e desoladoras por causa da chegada da seca. Em contrapartida, também se descreve os lugares que o fenômeno natural havia respeitado. Sendo criado, assim, cenários e paisagens distintas, uns remontando àquele sertão vivo, repleto de belezas naturais onde é o lugar do verdadeiro brasileiro, o “legítimo filho da terra” como afirmava Franklin Távora, e a outros cenários que representam o oposto. A literatura, a partir da formulação desses temas, participou de forma significativa da construção do problema da seca, pois ao representar os cenários do sertão dentro da normalidade, ou seja, bonito, natural e fabuloso e o cenário triste com a chegada da estiagem acaba por gerar, paradoxalmente, um reforço para problematização da seca no Norte, mostrando-a como algo que desestrutura o cotidiano, tranqüilo e harmonioso, da vida sertaneja.

A mudança do cenário do sertão vivo para o morto se torna o “ponta pé” inicial para as previsões de “tempos ruins”, o(a) sertanejo(a) a partir daí percebe, aos poucos, a dureza da estiagem e suas possíveis conseqüências:

A população nem mais ousou implorar; a última esperança terminou o seu sonho de prosperidade no vestibulo da miséria, e o céu pareceu impenetrável como um edifício bloqueado pelo incêndio. Para que levantar preces, que não voltariam à terra convertidas na

piedade divina, como os vapores da terra em chuvas benfazejas? Os espíritos afizeram-se ao horror do seu destino, semelhantes às revoadas dos corvos, os hóspedes negros da podridão, ao mau cheiro da carniça. A dor atrofiou os corações, e a sensibilidade enlerdou-os com a anestesia nojosa dos cães, que morrihavam a digestão de carnes podres, em sono pesado na areia morna do terreiro.<sup>32</sup>

A partir da construção desses cenários, a literatura regionalista cria também personagens representantes das mais diversas classes sociais, desde presidentes de província até moradores de condição. A seca que tudo crestava e destruía, afetava a todos, gerando sofrimento e desgraça, como afirma Rodolfo Teófilo: “A família cearense passou esse período coberta de pesado luto, as lágrimas correram em todos os rostos, os lamentos ouviram-se em todas as habitações, a tristeza morou em todos os lugares, a morte passou por toda a parte!”<sup>33</sup>

O “flagelado” não era apenas o chamado *homem livre pobre*<sup>34</sup>, principalmente durante a “grande seca de 1877-79”, ele é também proveniente das famílias até então abastadas. “Não era raro aparecerem, entre os retirantes, famílias abastadas que haviam abandonado os lares, levando o dinheiro e jóias sem valor por não terem o que comprar, mesmo a preços exorbitantes.”<sup>35</sup> A seca as arruinou financeiramente, pois perdem a sua produção agrária e pecuária, além de terem suas terras desvalorizadas em decorrência da estiagem. Uma das primeiras saídas encontradas por essas famílias é a venda aos usurários das suas jóias de família a preços mirrados, destinados a compra dos gêneros alimentícios que, em decorrência da estiagem, estavam com preços exorbitantes, sendo isso, segundo a literatura, uma característica marcante dos momentos de seca.

A literatura, então, acaba por descrever a chegada da estiagem e as mudanças no cotidiano por ela provocadas, como a desestruturação da produção agrária e pecuária, das relações sociais de subordinação de patrão e empregado e/ou dono e propriedade, como no caso do escravo que apesar de muitas vezes ser considerado, principalmente na área interiorana nortista, uma “pessoa da família” no momento de desespero era visto como uma peça de valor e vendido como tal. A partir dessa situação problemática que começa a se antever, a literatura inicia a construção de temas que justifiquem a forma mais usual de escapar da desgraça iminente: a retirada.

<sup>32</sup> PATROCÍNIO, José. **Os retirantes**. Disponível em: <[http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os\\_Retirantes.pdf](http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os_Retirantes.pdf)> Acesso em: 20 jul. 2005. p. 14.

<sup>33</sup> TEÓFILO, Rodolfo. **A Fome**, p. 266.

<sup>34</sup> Categoria de análise referente ao morador de condição, arrendatário, meeiro etc. Indivíduos que não possuíam a posse da terra e que, para poderem usufruir desse meio de produção, se submetiam as mais diversas formas de submissão de trabalho. Essa situação se firma definitivamente, desiludindo de vez o sonho do homem livre pobre possuir terras, através da aprovação da *Lei Terras* no Brasil, em 1850. “A regulamentação da Lei de Terras de 1850 havia determinado que todas as terras obtidas em sesmarias ou através de posse, isto é, as terras deveriam ser medidas e demarcadas. Assim, as sesmarias poderiam ser revalidadas e as posses legitimadas, garantindo-se o título de propriedade definitivo aos seus possuidores. As terras públicas nacionais, chamadas de devolutas, não poderiam mais ser obtidas pela pura e simples ocupação, mas apenas mediante a compra ao governo”. Ver MONTEIRO, Denise Mattos. *Terra e trabalho em perspectiva histórica: um exemplo do sertão nordestino (Portalegre – RN)*. **Caderno de História**, v. 6, n. 1, p. 26. jan./dez. 1999.

<sup>35</sup> OLÍMPIO, Domingos. **Luzia-Homem**, p.161.

Por conta da seca “é que haveis de fugir de vossas moradas, como a caça acuada, tendo horror ao próprio som das vossas pisadas. A seca, porém, vos seguirá os passos como um cão destro, e para onde quer que fujais, lá encontrareis o desabrigo, a fome e a morte”.<sup>36</sup> Uma das esperanças para os que sofriam as conseqüências da estiagem e ainda não aceitavam a retirada como solução, era a ajuda governamental através dos “socorros públicos”. Estes eram estruturados em “comissões” locais que, a partir das verbas do governo destinadas a compra de gêneros alimentícios, prestavam assistência aos “flagelados” da seca. Contudo, o “flagelado” é em grande medida proveniente das regiões interioranas e nessas localidades a ajuda governamental era restrita e mal fiscalizada. A literatura denuncia essa situação e mostra a insatisfação do governo provincial em manter a assistência nas zonas rurais: “Agora as condições tristíssimas agravaram-se, porque o novo presidente da província, indignado pelas delapidações escandalosas, resolvera suspender as remessas de gêneros para o interior e chamar para a capital e cidades mais próximas aqueles a quem a seca reduzira à miséria.”<sup>37</sup>

Além disso, “os socorros, distribuídos pelo governo, não podiam chegar aos centros afastados, por falta de condução, ou eram os comboios de víveres assaltados por bandos de famintos, malfeitores e bandidos, organizados em legiões de famosos cangaceiros.”<sup>38</sup>

A partir de daí, cria-se um dos temas mais recorrentes na literatura nortista: a retirada. No caso das famílias abastadas, ocorria após a liquidação dos seus últimos bens. Como a terra natal não possuía mais condições para a sobrevivência, a solução nesse momento é a migração, a procura de uma terra menos “tocada pelo vento seco da morte”. Quanto aos habitantes menos favorecidos das regiões em estiagem, como não possuíam condições de se manter nenhum tempo a mais na terra natal porque não tinham o que vender ou trocar, iam logo de encontro ao êxodo.

É interessante notar que o próprio termo “êxodo” nos remete a um dos discursos iniciais da Bíblia, título do segundo livro do Antigo Testamento. Lembrando-nos a imagem da sofrida peregrinação realizada no deserto pelos “filhos de Israel”. Assim a retirada é vista pela literatura de forma análoga a um castigo divino, como afirma Domingos Olímpio: “[...] Eram pedaços da multidão, varrida dos lares pelo flagelo, encalhando no lento percurso da tétrica viagem através do sertão tostado, como terra de maldição ferida pela ira de Deus [...]”.<sup>39</sup>

Durante o processo migratório para as regiões “menos” afetadas pela seca – principalmente as zonas litorâneas (preferencialmente as capitais), que na verdade parecem padecer de maior flagelo do que as regiões interioranas, devido ao ajuntamento de retirantes nessas

<sup>36</sup> PATROCÍNIO, José. **Os retirantes**. Disponível em: <[http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os\\_Retirantes.pdf](http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os_Retirantes.pdf)> Acesso em: 20 jul. 2005. p. 3

<sup>37</sup> PATROCÍNIO, José. **Os retirantes**. Disponível em: <[http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os\\_Retirantes.pdf](http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os_Retirantes.pdf)> Acesso em: 20 jul. 2005, p. 165.

<sup>38</sup> OLÍMPIO, Domingos. **Luzia Homem**, p. 42.

<sup>39</sup> *Ibid.*, p.26.

áreas – o “flagelado” passa por trilhas, estradas, casas e vivendas abandonadas, se deparando com situações dantescas e fúnebres, tão surpreendentes que geravam uma desconfiança por parte dos críticos literários e da imprensa da época sobre a credibilidade das informações posta nas obras pelos autores, principalmente as de Rodolfo Teófilo.

As cenas eram muito detalhadas e fortes, passando ao leitor a impressão do sofrimento que aguardava o retirante flagelado pela seca. A fome durante a retirada enfraquecia o físico e a mente do “flagelado”, não podendo ele resistir morreria no meio do percurso da viagem de forma cruel e macabra.

Entretanto, em *Os Retirantes* (1879), percebemos uma descrição menos detalhada das cenas, diferentemente da obra *A Fome* (1890), referente a o que se visualizava durante a migração. Podemos então pensar na hipótese que o discurso sobre esses enunciados são reproduzidos, reapropriados e ganha novos elementos, culminando num discurso outro que repousa num “já-dito”<sup>40</sup>, sendo assim reformulado e adquirindo maior força do que o discurso “inicial” presente na obra de José do Patrocínio.

Durante a trajetória da migração “[...] talvez [o “flagelado”] tombasse, como míseros, cujas ossadas alvejantes, descarnadas pelos urubus e carcarás, iam marcando o caminho das vítimas de calamidade.”<sup>41</sup> Assim,

Em tão aflitiva conjunção, era natural que os retirantes, por instinto de conservação, procurassem o litoral, e abandonassem o sertão querido, onde nada mais tinham que perder; onde já não podiam ganhar a vida, porque à miséria precedera o fatal cortejo de moléstias infecciosas, competindo com a fome e a sede na terrível faina de destruição.<sup>42</sup>

Mas não é sem resistência que o flagelado sai do seu torrão natal, pois “[...] só quando a fome bate-lhe inexoravelmente à porta, quando a cova escancara-se-lhe aos pés de modo que o menor passo no solo do seu berço despenhá-lo-ia para sempre nessa pavorosa garganta, cheia de mistérios e de assombros, o desgraçado despede-se das suas charnecas, da sombra das suas carnaubeiras e vai pedir um abrigo nas terras do exílio”.<sup>43</sup> Portanto, a migração tem a característica da *via-crúcis*<sup>44</sup>, do tormento, do sofrimento, tanto físico quanto psicológico. Ela é algo que incomoda o(a) sertanejo(a), agora definitivamente flagelado pela seca.

<sup>40</sup> Segundo Foucault, “[...] todo discurso manifesto repousaria secretamente sobre um já-dito; e que este já-dito não seria simplesmente uma frase já pronunciada, um texto já escrito, mas um ‘jamais-dito’, um discurso sem corpo, uma voz tão silenciosa quanto um sopro, uma escrita que não é senão o vazio de seu próprio rastro. Supõe-se, assim, que tudo que o discurso formula já se encontra articulado nesse meio-silêncio que lhe é prévio, que continua a correr obstinadamente sob ele, mas que ele recobre e faz calar”. Ver FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**, p. 28.

<sup>41</sup> PATROCÍNIO, José. **Os retirantes**. Disponível em: <[http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os\\_Retirantes.pdf](http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os_Retirantes.pdf)> Acesso em: 20 jul. 2005, p.27.

<sup>42</sup> *Ibid.*, p.42.

<sup>43</sup> PATROCÍNIO, José. **Os retirantes**. Disponível em: <[http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os\\_Retirantes.pdf](http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os_Retirantes.pdf)> Acesso em: 20 jul. 2005. p. 73.

<sup>44</sup> O termo Via-crúcis ou Via Dolorosa, nasceu no século XVI pela piedade popular que definiu o caminho percorrido por Jesus sob o peso da cruz da Fortaleza Antonia até o Calvário.

Assim, o discurso literário busca no imaginário cristão enunciados da própria *via-crúcis*, comparando a trajetória de vida de Cristo com o percurso de vida do(a) sertanejo(a), afim de comover, sensibilizar, um público, “coincidentalmente”, de maioria católica apostólica romana, no Brasil do século XIX.<sup>45</sup> Portanto, a retirada é pensada e projetada no mesmo modelo narrativo da *via-crúcis*, ou seja, ela é engendrada pela idéia de um percurso e/ou viagem a ser realizada. Além disso, o próprio vocabulário é cristão e as imagens construídas nos remetem a passagens bíblicas.

Nesse sentido, “o préstito dos famintos era agora considerável. Naquela imensa procissão viam-se indivíduos de todas as idades. Acossados pela fome, seguiam caminho de Fortaleza, a reclamar a assistência pública”. A chegada nos centros urbanos, com intuito de se garantir a ajuda governamental, é um outro tema importante na literatura e faz parte da construção da imagem trajetória de vida do “flagelado”.

A etapa da chegada nas cidades é descrita com muita ênfase na situação calamitosa em que já se encontrava a localidade e na piora dos problemas com novas levadas de retirantes. Pois, “as mesmas cenas da fome nos ermos caminhos do interior tinham lugar nas ruas e praças de Fortaleza. Quase cem mil infelizes de todas as idades viviam miseravelmente nos abarracamentos do governo, nas praças públicas e nos passeios das casas!”<sup>46</sup>.

A *via-crúcis* do flagelado não terminava após os dias de longas jornadas durante o êxodo rural. As cidades “regurgitando” de retirantes, o problema do momento, se tornaram o lugar da desesperança, da decepção, uma vez que havia uma continuidade do sofrimento, das perdas familiares e das humilhações. “Ainda uma vez a desesperança veio enlutar-lhe o coração, porque, de par com a impossibilidade de encontrar a família, torturava-a a notícia de que mais de 100 mil retirantes enchiam agora a capital”<sup>47</sup>. Dado muito próximo do que afirmou, posteriormente, Rodolfo Teófilo: “a população adventícia da Fortaleza se elevava a cento e quarenta mil almas!”<sup>48</sup>.

Esse “inchaço” das cidades é um outro agravante na vida do “flagelado”, pois aumentava-se o descaso governamental devido a impossibilidade de assistência a todos e, além disso, as autoridades públicas segregava-os em ambientes específicos das cidades – locais que, geralmente, se caracterizavam pelas aglomerações desordenadas de retirantes, os

<sup>45</sup> Isso se deu, em parte, por que durante todo o período *colonial* (1500-1822) e durante toda a fase *imperial* (1822-1889), a Igreja católica no Brasil viveu, do ponto de vista político, um processo de estabilidade e segurança em razão de sua dependência total do Estado. Ver LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. **A igreja católica no Brasil-República: cem anos de compromisso** (1889-1989). São Paulo: Paulinas, 1991. p. 15. (Estudos e debates latino-americanos, 21); BARROS, Roque Spencer M. de. Vida religiosa. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (Dir.) **O Brasil monárquico: declínio e queda do império**. São Paulo: Difel, 1874. p. 317-337. (História Geral da Civilização Brasileira); LACOMBE, Américo Jacobina. A Igreja no Brasil colonial. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (Dir.) **A época colonial: administração, economia, sociedade**. São Paulo: Difel, 1873. p. 51-75. (História Geral da Civilização Brasileira, 2).

<sup>46</sup> TEÓFILO, Rodolfo. **A Fome**, p.159.

<sup>47</sup> PATROCÍNIO, José. **Os retirantes**. Disponível em: <[http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os\\_Retirantes.pdf](http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os_Retirantes.pdf)> Acesso em: 20 jul. 2005. p. 174.

<sup>48</sup> TEÓFILO, Rodolfo. Op. cit., p. 247.

chamados “abarracamentos” –, espaços infecciosos devido a insalubridade e contagiosos por conta da proximidade das pessoas. Isso pode ser percebido em *Os Retirantes*,

Não havia para hospedar as recém-chegadas [retirantes] lugar nenhum decente. O abarracamento tinha capacidade para mais de uma dezena de milhar em vastíssimos telheiros, sob os quais viviam os retirantes numa promiscuidade de animais. O lanço, que era formado por pequenas casas, estava todo ocupado, e não era possível de momento arranjar aí morada para a família.<sup>49</sup>

A situação piorava na medida em que, segundo Rodolfo Teófilo, a cidade da Fortaleza passou durante a “grande seca de 1877-79”, mais especificamente no ano de 1878, por uma grave epidemia de varíola. “Primeiro atirou sobre o lugar uma enfermidade semelhante à cólera e que trazia fatalmente a morte dentro em três dias [...]”.<sup>50</sup> A doença ganhava maiores dimensões porque “os habitantes da capital estavam sitiados completamente pela epidemia. Os abarracamentos dos retirantes circulavam a cidade, e onde existia um emigrante, podia-se afirmar, estava um varioloso.”<sup>51</sup>

José do Patrocínio afirma que “todo o Aracati estava inundado de desgraças; as febres grassavam intensas; os retirantes chegavam às centenas, piorando cada vez mais o estado sanitário da cidade. A população adventícia era já, com certeza, superior a 30 mil pessoas, que tinham fome, que se exasperavam e morriam como cães.”<sup>52</sup>

Assim a sorte trágica da vida do “flagelado” ganha, na cidade, mais um elemento de sofrimento. Exposto, cotidianamente, à “peste” ele é logo associado a doença como sendo o responsável pela sua chegada e pela epidemia, uma vez que é visto como o principal transmissor. A partir de então a literatura começa a descrever essa nova fase de sofrimento e angústia na vida do “flagelado”:

Alguns dias depois da invasão da epidemia, cada alojamento de retirantes era um lazareto de variolosos! As enfermarias regurgitavam de doentes, tudo era insuficiente para abrigar os pesteados. Muitos enfermos tinham por teto a sombra das árvores desfolhadas e aí mesmo, aos raios do sol, ao relento da noite, deitados no chão, morriam à míngua e socorro e contágio, fugiam espavoridos, deixando-os abandonados! Pensavam assim evitar a peste e levavam-na incubada!<sup>53</sup>

Concomitantemente a desgraça da peste, a literatura descreve que o “flagelado”, ao chegar às cidades, não emigrando de livre espontânea vontade, além de sofrer com a situação caótica da área urbana, se vê obrigado a arranjar um trabalho com o intuito de ganhar algo para sobreviver. Contudo, as cidades não possuíam postos de trabalho diversificados e

<sup>49</sup> PATROCÍNIO, José. **Os retirantes**. Disponível em: <[http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os\\_Retirantes.pdf](http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os_Retirantes.pdf)> Acesso em: 20 jul. 2005. p. 206.

<sup>50</sup> *Ibid.*, p.118.

<sup>51</sup> TEÓFILO, Rodolfo. **A Fome**, p. 248.

<sup>52</sup> PATROCÍNIO, José. **Os retirantes**. Disponível em: <[http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os\\_Retirantes.pdf](http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os_Retirantes.pdf)> Acesso em: 20 jul. 2005. p. 65.

<sup>53</sup> TEÓFILO, Rodolfo. **Op. Cit.** p. 249-50.



abundantes. Nesse sentido, uma das saídas encontradas pelas autoridades públicas era a utilização das verbas dos “socorros públicos” para financiar o trabalho. Assim, o dinheiro destinado a ajudar os flagelados da seca se “transforma” em alimentos que, mediante o escambo, serão utilizados como pagamento do trabalho em obras públicas e, em muitas vezes, em obras civis de particulares proeminentes da sociedade. “Os socorros são mal distribuídos. Trocam a ração pelo trabalho, mas por um trabalho penoso, superior às forças dos famintos [...]”<sup>54</sup>, sendo “o maior dos absurdos. Justificam-no como um meio de livrar o povo da ociosidade. A medida é desastrada.”<sup>55</sup> O trabalho, assim, é mais um tema que caracteriza a vida do “flagelado”, principalmente o trabalho realizado para o Estado a partir das verbas dos “socorros públicos”.

Esse é o quadro da chamada, literariamente, “cidade da miséria”. O “flagelado” passa por todas essas situações, sendo martirizado por todas elas. Entretanto, a *via-crúcis* dessa figura não termina nas zonas urbanas, a partir de então adentramos na análise do último grande tema que dispomos inicialmente a estudar: a última migração. Após a saída da terra natal por conta da seca, o(a) sertanejo(a) se transfigura, no retirante e migrante, presente na literatura, sendo vivenciador das mais horrendas desgraças que o êxodo podia proporcionar. A viagem penosa tem seu fim ao chegar às cidades, estas, por sua vez, não têm a capacidade de absorver a grande população adventícia, culminando na desestruturação da normalidade da vida citadina.

Assim, a vida nas cidades se torna, para o “flagelado”, tão difícil quanto no seu torrão natal. Uma das soluções encontradas, pelas autoridades públicas e “filantropos” da alta sociedade, para tentar resolver o problema do “flagelado” nas zonas urbanas, é a migração. Incomodados com a situação caótica das cidades eles vão articular o excesso de mão-de-obra “ociosa” nas cidades (os retirantes), com a necessidade de mão-de-obra no Norte para a extração da borracha e a procura de braços para a lavoura cafeeira, em ascensão no Sul do Brasil de fins de século XIX.

Nesse sentido, o “flagelado”, ao terminar sua longa e difícil jornada com o intuito de chegar aos grandes centros urbanos – onde era distribuída com maior frequência os víveres pelos “socorros públicos” –, estava sujeito, após o “êxito” da migração, a ser forçado emigrar novamente, com o destino traçado e financiado pelo governo. Assim, “o transporte era mal feito e vexatório. A emigração não era voluntária, mas forçada pelo governo, que trancava os celeiros aos famintos e abria os portos da província.”<sup>56</sup> Encontrava-se, então, mais uma forma de evitar a presença do “flagelado” nas cidades.

As cenas descritas sobre o processo migratório para o Norte e Sul do país, muitas vezes a última esperança de uma vida melhor para o “flagelado”, é carregada, mais uma vez, de

<sup>54</sup> TEÓFILO, Rodolfo. *A Fome*, p. 164.

<sup>55</sup> *Ibid.*, p. 187.

<sup>56</sup> TEÓFILO, Rodolfo. *A Fome*, p.153.

sofrimento, martírio, desespero e angústia, principalmente no que diz respeito ao embarque nos paquetes destinados para a viagem. Além do embarque sofrido, o “flagelado” estava sujeito a sofrer no local de destino, Norte ou Sul, a exploração dos proprietários dos seringais e cafezais.

Nesse momento da última partida, a literatura vai finalizando o ciclo de vida do “flagelado”. O último meio encontrado para escapar dos efeitos da estiagem era a nova viagem, motivada pela desesperança e desgraças vividas na terra natal. A esperança de uma nova vida, uma vez que se trataria de uma nova terra, alimentava a lógica do sonho vitorioso da segunda partida. As promessas de uma vida em abundância no Extremo Norte ou no Sul, onde não se tinha o fenômeno da seca, abriu ao “flagelado” uma possibilidade de melhorar suas condições econômicas e sociais. Entretanto, a literatura relata justamente o oposto, tratou-se sim de uma saída desastrosa que desapegou os últimos laços familiares, gerando muita insegurança em relação ao destino traçado por essa última partida. Nesse sentido, as obras deixam, em grande medida, uma lacuna em relação ao restante da vida do “flagelado”, as incertezas ganham força durante esse último momento de descrição da vida dessa figura.

Portanto, a trajetória de vida do “flagelado” tem, na literatura, o seu fim nesse último momento de migração. A imagem do percurso de vida dessa figura é construída por esses temas analisados, a partir dos quatro grandes eixos temáticos propostos – os temas relacionados às mudanças que desestruturaram o cotidiano, a normalidade, por conta da seca; em um segundo momento, a análise dos temas ligados à retirada, ao êxodo; após isso, os temas referentes à chegada aos centros urbanos; e, por último, temas relacionados à saída última do “flagelado”, a migração final para o Sul ou para o Extremo Norte do país – concretizamos a visualização da vida do “flagelado”. Percebemos nitidamente na descrição literária da trajetória de vida do “flagelado” a marca do positivismo, pois ela é montada numa lógica ordenada e progressista, em que o sofrimento e caos vão sempre aumentando, se desenvolvendo no decorrer das etapas vividas pela figura flagelada, construindo uma impressão continuísta do flagelo da seca.

## Fontes

OLÍMPIO, Domingos. **Luzia-Homem**. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2003.

PATROCÍNIO, José. **Os retirantes**. Disponível em: <[http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os\\_Retirantes.pdf](http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os_Retirantes.pdf)> Acesso em: 20 jul. 2005.

RELATÓRIO de Presidente de Província do Ceará, 1877 e 1878.

TEÓFILO, Rodolfo. **A Fome**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002. (Coleção clássicos cearenses).

## Bibliografia

- ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**, Recife: FJN/ Ed. Massangana. São Paulo: Cortez, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Falas de astúcia e de angústia**: a seca no imaginário nordestino – de problema à solução (1877-1922). 1987. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1987.
- \_\_\_\_\_. Palavras que calcinam, palavras que dominam: a invenção da seca do Nordeste. **Revista Brasileira de História**, v. 14, n. 28, p. 111-120, 1994.
- ALONSO, Angela. Crítica e contestação: o movimento reformista da geração 1870. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. [online]. v.15, n. 44. p. 35-55, out. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v15n44/4146.pdf>>. Acesso em: 10 Out. 2005.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 38. ed. São Paulo: Ed. Cultrix, 1994.
- FOUCALT, Michel. **A arqueologia do saber**. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002. (Coleção Campo Teórico).
- \_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. 10. ed. São Paulo: Ed. Loyola, 2004
- MONTEIRO, Denise Mattos. **Introdução à história do Rio Grande do Norte**, 2. ed. rev. Natal (RN): Cooperativa Cultural, 2002.
- \_\_\_\_\_. Terra e trabalho em perspectiva histórica: um exemplo do sertão nordestino (Portalegre – RN). **Caderno de História**, v. 6, n. 1 jan./dez., p. 5-41, 1999.
- NEVES, F.C. A “capital de um pavoroso reino”: Fortaleza e a seca de 1877. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 29, p. 93-122. jul. 2000.
- PESAVENTO, Sandra Jatthy. Com os Olhos de Clio ou a Literatura sob o Olhar da História a partir do conto O Alienista, de Machado de Assis. **Revista Brasileira de História**, v. 16, n. 31-32, p. 108-118, 1996.
- SALES, Antônio. **Aves de arribação**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1965.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Literatura brasileira**: seus fundamentos econômicos. 5 ed. São Paulo: Cultura Brasileira, 1969. (Civilização Brasileira).